

Família

Filhos que cuidam dos pais

Com o aumento na expectativa de vida, se torna mais comum inversão de papéis dentro das casas

Gálicy Rodrigues

André estava de viagem marcada e saiu cedo de casa, no dia 13 de agosto, uma quarta-feira, com uma sensação estranha, um sentimento de que algo iria acontecer. No taxi, a caminho do aeroporto, a intuição continuou a lhe preocupar. Dali a poucas horas, ele estava no Rio de Janeiro, na presença de amigos que não via há bastante tempo, o que ajudou, até certo ponto, a distrair o pensamento aflijo. No dia seguinte, no entanto, ocorreu o que ele tanto temia: o pai, Antônio Jardas de Barros, de 91 anos, foi internado às pressas em Goiânia por causa da piora de uma pneumonia que havia contruído dois dias antes do filho viajar.

É André quem faz tudo em casa. Aos 46 anos, Filho caçula de uma família de quatro irmãos, ele vive com os pais desde 1998. É ele o responsável por cuidar, alimentar, dar banho, nemôniço, cortar cabelo, trocar a fralda geriátrica e, além de filho, "ser pai, irmão, marido e neto" da mãe, Maria José Barros, de 87 anos, diagnosticada há três anos com mal de Alzheimer e que, por causa da doença, chega a reconhecer-ló de diferentes formas. O bem-estar das idosas é a prioridade de André Barros, chef de cozinha que adaptou a própria rotina para dar conta dos compromissos profissionais e não deixar de lado o seu amor maior, que são "osvelhamentos", como ele os chama carinhosamente.

A forte relação e a confiança alimentada à custa de muita paciência, disposição e cuidado são o que André sente quando conversa com os que Andrezinhas querem viajar. "Somos muito ligados. Eles são a minha paixão", conta. Ele e os pais são exemplos de uma resadapção do modelo de família, caracterizada pela inversão de papéis e que tende a ser cada vez mais recorrente, em razão da perspectiva de envelhecimento da população. Com o aumento de idosos, sobretrou de aqueles acima dos 80, 90 anos, graças a uma expectativa de vida que se eleva a cada novo levantamento no País, entra em cena um processo natural em que os filhos passam a fazer as vezes de pais responsáveis pela família.

Em 1980, as pessoas com mais de 60 anos correspondiam a 4,4% do total de habitantes de Goiás. Trinta anos depois, em 2010, esse percentual mais que dobrou, subindo para 9,33%. Apesar de existirem diversas histórias de abandono e idosos deixados em asilos, sem a presença da família, o certo é



André Barros, de 46 anos, com os pais, Antônio, de 91, e Maria José, de 87 anos: cuidados

"Tudo que fez pormim, faço porele agora", diz pastor que cuida do pai

Elias Faleiro é pastor evangélico em Várzea, cidade a 72 quilômetros de Goiânia. Os pais dele também moram no município, o que facilita o contato diário. Desde a quarta-feira (13), no entanto, a família teve a rotina alterada e Elias, que é o filho mais velho, 41 anos, passou a dividir os dias da semana entre os ofícios na terra natal e a companhia para o pai doente no Hospital Geral de Goiânia Doutor Alberto Russi (HGG). Para facilitar, ele, o irmão, Onésio Gonçalves Faleiro, e uma outra irmã rezavam para não deixar o pai sozinho. O apensamento Jonathá Faleiro de Sousa, de 78 anos, está internado há

mais de 10 dias por causa de complicações respiratórias.

Os filhos unidos se esforçaram para auxiliar o pai, já de saída bem debilitado. Cada um com seus compromissos profissionais e atividades que lhes tomam tempo, mas ainda assim reservando um horário para não deixarem o idoso sozinho na enfermaria do hospital. De sábado a terça-feira, Elias fica em Várzea e os dois irmãos dividem os noites de sono lado a lado na cama do pai. Na quinta-feira, Elias viaja para Goiânia e fica até a manhã de sábado fazendo as vezes de cuidador. O cronograma é seguindo à risca e seu Jonathá ainda está sem previsão de alta.

"A vida, primeiramente, é uma progressão e, depois, uma regressão. O nocejo para nos carregou, nos ensinou a dar os primeiros passos, indicou os caminhos corretos e nos conselhos que temos hoje gravaram a elas. Agora é a minha vez de dar banho, segurá-la para que ele possa caminhar e dar comida. Tudo que ele fez por mim em sua juventude eu faço por ele agora", expõe Elias. Na verdade, os filhos tentam não pensar muito, mas se demonstram conscientes da passagem do tempo e do que isso significa. "Estamos aproveitando o máximo possível o tempo dele aqui", complementa.

os filhos participarem ativamente do cuidado dos pais. "Isso é essencial. Para um idoso que está perdendo a sua capacidade, é imprescindível esse acompanhamento. Construir um cuidador não quer dizer que você esteja vivendo da responsabilidade", afirma o presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia - Seção Goiás, Ricardo Borges.

André Barros não é adepto da contratação de cuidadores. Para ele, não tem a mesma agressividade afetiva, sem contar que existem determinadas colas que os pais só fazem quando ele pede ou se dispõe a ajudar a fazer. Nem mesmo os irmãos conseguem convencê-lo. Só André. "Quando ele está sem fome, eu levo algo para ele comer, e ele come. Quando ele está agressiva, só eu consigo acalmá-la", exemplifica. Daí a preocupação que ele ficou no Rio de Janeiro quando soube que seu Antônio Jardas havia se internado na quinta-feira e o voo de volta para Goiânia só seria no sábado. "Fiquei lou-

co. Liguei para minha irmã na hora", relata.

ADAPTAÇÃO

André chegou de viagem na noite de sábado e, no domingo cedo, fui ao hospital. O pai recebeu alta no dia 18, uma segunda-feira, voltou para casa e foi recebido com uma forte abraço da companheira, Maria José, com a qual está casado há 66 anos. O filho respirou aliviado e retornou, enfim, à rotina na companhia dos "velhinhos". André se recorda com humor de todo o processo de adaptação vivido, na íntegra, e de como as coisas estavam mais fáceis hoje em dia. "Entrei em pânico. Vou tentar de vez como o primeiro dia de colocar a fralda. Eu não sabia e quase botei em mim primeiro para testar. Fiquei desesperado", conta. Talvez, um desespero semelhante ao que sentiu quando começou a suspeitar da doença da mãe.

Ao dizer para os irmãos que poderiam ter Alzheimer, eles ficaram assustados e se negavam a acreditar nessa possibilidade. "Fiquei lou-

Maior população idosa exige atenção do governo

O presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia - Seção Goiás, Ricardo Borges da Silva, aponta que o poder público precisa encontrar mecanismos para lidar melhor com o aumento da quantidade de idosos. Muitas famílias não possuem condições sociais e financeiras para corresponder a todos os cuidados e necessidades de uma pessoa com idade avançada, muito menos quando isto se soma a doenças degenerativas. Custear o trabalho prestado por um cuidador não é fácil. Além da mão de obra ser cara, existe também a questão legal, no que diz respeito à escala de trabalho (12 por 36), que exige a contratação de pelo menos duas pessoas para acompanhar o idoso o tempo todo.

Para o médico, essa é uma questão de saúde pública, pois a falta de vagas em casas de acolhida e apoio é uma realidade que sacrifica a vida de muitas pessoas que precisam desse amparo. Ricardo esclarece que não há substituto o cuidado prestado por alguém da família, mas, consciente da realidade socio-econômica e da existência de locais devidamente equipados e que realizam um bom trabalho, ele defende o aumento da quantidade de abrigos. "Em Goiás, existem abrigos muito bons, mas ainda assim insuficientes. Institucionalizar o idoso não quer dizer que você está abandonando. Na grande maioria das vezes, o idoso institucionalizado é muito bem cuidado", diz.

Com a redução do núcleo familiar, em razão da menor quantidade de filhos, e com a presença maior e mais expressiva das mulheres no mercado de trabalho, que são quem, geralmente, cuidam dos idosos, fica mais difícil garantir a presença constante do filho no cuidado dos pais. Eles até

Negligenciar cuidado a familiar idoso é crime

O Estatuto do Idoso considera crime negligenciar o cuidado a um familiar idoso dependente. Da mesma forma, o abandono, a exploração financeira, o abuso físico e psicológico. É comum encontrar em abrigos exemplos de idosos que foram deixados pelos filhos e que estes nunca mais voltaram para visitá-los. A assistente social Maria Tereza Ferreira, que trabalha no Solar Combino Augusto de Barros, abrigo localizado no Parque Amazonia, em Goiânia, e que acolhe 50 idosos, já lidou com exemplos diversos.

"As pessoas que amam o pai e a mãe mesmo você vê

POPULAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA

GOIÁS

HABITANTES (1980)	FAIXA ETÁRIA	HABITANTES (2010)
570.922	0 a 4 anos	438.403
526.389	5 a 9 anos	472.711
503.500	10 a 14 anos	531.291
455.757	15 a 19 anos	533.337
368.295	20 a 24 anos	554.033
298.163	25 a 29 anos	556.809
240.079	30 a 34 anos	532.390
204.524	35 a 39 anos	473.572
179.535	40 a 44 anos	431.102
138.751	45 a 49 anos	371.950
112.073	50 a 54 anos	303.313
83.694	55 a 59 anos	243.835
63.149	60 a 64 anos	188.471
50.022	65 a 69 anos	137.717
31.541	70 a 74 anos	104.012
18.636	75 a 79 anos	66.492
10.818	80 anos ou mais	65.759

TENDÊNCIA DE ENVELHECIMENTO

A quantidade de crianças e jovens em Goiás diminuiu desde a década de 1980, enquanto a de idosos aumentou. O percentual de idosos em relação ao total de habitantes mais que dobrou em 30 anos

EVOLUÇÃO PROPORCIONAL DA POPULAÇÃO IDOSA (acima de 60 anos)



"Algumas vezes, não é que os filhos não querem cuidar. É que eles não têm condições de fazê-lo. Tampouco contam com uma rede de suporte social e de apoio para o cuidado de idosos."

ELISA FRANCO, médica geriátra e professora da Universidade Federal de Goiás (UFG).

podem morar sob o mesmo teto, dividirem o mesmo espaço, o que ajuda muito, mas, em casos de doenças graves e degenerativas como Alzheimer e Parkinson, o recomendado é ter alguém sempre por perto. Na dia a dia profissional, Ricardo já se deparou com histórias diversas, desde casos em que idosos cuidam de idosos até exemplos de filhos, principalmente mulheres, que deixaram o trabalho para ficar por conta dos pais.

Em se tratando de Alzheimer, a situação é tão complexa que, no geral, os abrigos, além de possuírem um limite de vagas, estipulam também um salto de abrigos muito bons, mas ainda assim insuficientes. Institucionalizar o idoso não quer dizer que você está abandonando. Na grande maioria das vezes, o idoso institucionalizado é muito bem cuidado", diz.

Com a redução do núcleo familiar, em razão da menor quantidade de filhos, e com a presença maior e mais expressiva das mulheres no mercado de trabalho, que são quem, geralmente, cuidam dos idosos, fica mais difícil garantir a presença constante do filho no cuidado dos pais. Eles até

que elas pesquisam bem antes de colocá-los num abrigo, e quando colocam, elas visitam sempre. Vêm várias vezes, quase que todo dia. Por outro lado, tem casos de filhos que, no Dia das Mães, eu preciso ligar para lembrar da data", expõe. O limite de vagas do abrigo é 50. A procura é tão grande que a fila de espera ultrapassa as 100 famílias interessadas, que ligam sempre para perguntar sobre o surgimento de vagas.

Dante disso, Maria Tereza explica que é feita uma triagem e eles atendem os casos de emergência, em que as pessoas estão em situação extremamente de necessidade.